

O apagamento do /R/ em final de infinitivos verbais em redações de alunos do Ensino Fundamental II

Sabrina Evelyn Cruz Oliveira

Graduanda Letras Português

Fundação Universidade Federal de Rondônia, campus de Porto Velho - UNIR/RO

E-mail: sabrinaevelyn@gmail.com

Bolsa PIBIC/UNIR

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3115-3547>

Natália Cristine Prado

Professora Adjunta

Fundação Universidade Federal de Rondônia, campus de Porto Velho - UNIR/RO

E-mail: natalia.prado@unir.br

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8947-4330>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Chamada temática

Volume 5

Número 2

Recebido em: 14/05/2020

Aprovado em: 19/07/2020

Resumo

O objetivo geral deste artigo é investigar o fenômeno de apagamento do /R/ em final de verbos presentes em textos de alunos do Ensino Fundamental II a partir de modelos teóricos de base gerativa, e considerando a variação linguística presente nas línguas naturais. Esta pesquisa coletou 82 redações de alunos do 6º ano de escolas de Porto Velho (RO). A quantificação de dados demonstra que houve 112 ocorrências de apagamento do rótico em posição final de verbos no infinitivo. Com este estudo, espera-se contribuir para a reflexão sobre a escrita e sua relação com a fonética e a fonologia.

Palavras-chave:

Consoante rótica; fonologia; aquisição da escrita.

1 Considerações preliminares

A escrita do português se materializa por meio de ícones gráficos alfabéticos e é regida pela ortografia da língua portuguesa que, por sua vez, é direcionada por um conjunto de normas. Para Cagliari (1999, p. 19), a ortografia serve para “permitir a leitura” e neutralizar a variação linguística no nível do léxico no momento da leitura. Segundo Massini-Cagliari (1999, p. 30-31), escrever ortograficamente significa escolher uma única forma para as palavras de uma língua, independentemente de quantas pronúncias diferentes possam estar ligadas a elas. A escolha de qual seja a forma ortográfica de cada palavra é, em geral, arbitrária.

Para Bagno (2015, p. 81), a regulamentação ortográfica é uma tentativa de representação gráfica, pictórica e convencional da língua falada, uma vez que nenhuma ortografia no mundo consegue reproduzir a fala com fidelidade. Dessa forma, a ortografia disponível para a composição de textos escritos em língua portuguesa não representa fielmente a fala nem acompanha a evolução constante e natural da oralidade, servindo-se na função de anular a variação linguística no nível da palavra, distanciando-se das várias pronúncias dos falantes. Assim, surgem os “erros” de escrita, que, na verdade, “são formas *diferentes* de usar os recursos potencialmente presentes na própria língua” (BAGNO, 2004, p. 8), que podem, dentre outros fatores, serem motivados pela influência da fala sobre a escrita. Muitos desses desvios estão presentes em textos escolares e podem ser vistos como marcas de oralidade, algo recorrente no processo de aprendizagem da escrita, sobretudo no Ensino Fundamental.

Cabe observar que os “erros” de escrita que ocorrem por influência da fala fazem parte do desenvolvimento da consciência fonológica, ou seja, do desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a estrutura sonora de palavras e orações. Pode-se pensar na consciência fonológica como as habilidades centradas ao redor da compreensão emergente na criança da estrutura segmentar da palavra (CARDOSO-MARTINS, 1995, p. 21), o que é importante considerar já que a criança, em fase de aprendizagem e desenvolvimento da escrita, baseia-se frequentemente na oralidade em seu processo de construção de conhecimento, transportando, por vezes, para o domínio da escrita algo que reflete sua percepção da fala.

Um desses “erros” é o apagamento do “r” na escrita de verbos no infinitivo, como “levar”, “comer” e “sorrir”. Uma hipótese é de que isso ocorra, pois os alunos provavelmente adquiriram uma variedade do português que apaga esse “r” na fala, assim, tendo como intermédio de construção da escrita a sua modalidade oral, formulam a hipótese de que, na escrita, o “r” também não ocorre.

Em estudo feito por Callou, Moraes e Leite (1998), sobre o apagamento do /R/ final no dialeto carioca, os dados analisados mostram que, nos anos 90, houve um aumento significativo do apagamento do /R/ de infinitivo, que passou a corresponder a uma nova norma introduzida na sociedade. Barreto e Massini-Cagliari (2019, p. 39) retomam ainda os estudos de Oliveira (1983), o qual mostra que o apagamento dos róticos é muito mais frequente em posição final de palavra, sendo ainda mais comum em verbos. O apagamento, dessa forma, se configura como um processo variável, sujeito a condicionamento fonológico e social.

De acordo com Tenani (2017, p. 582), é preciso considerar a relevância de estudos de cunho fonético-fonológico para a descrição e interpretação de registros escritos que não seguem as convenções ortográficas, notadamente aqueles produzidos em ambiente escolar, nos vários ciclos da educação básica no Brasil. Considerando essas questões, esta pesquisa visa analisar, interpretar e refletir linguisticamente a partir desses “erros” que podem nos fazer refletir também sobre a própria constituição da escrita, tendo como foco a sua relação com a fonética e a fonologia.

2 Fundamentação teórica

2.1 A relação entre a oralidade e a escrita

Para Oliveira (2005, p. 15), uma das concepções da aprendizagem da escrita é o processo de construção de conhecimento intermediado pela oralidade. O aluno, que está em fase de desenvolvimento e amadurecimento linguístico, controla seu aprendizado na maneira em que formula e reformula hipóteses na interação com a escrita, baseando-se, principalmente, na fala. Dessa forma, podemos observar que alguns dos equívocos ortográficos que aparecem em textos escritos são influenciados pela oralidade, de modo que, ao conhecer suas características, sejam propostas hipóteses sobre a ocorrência desses desvios, além de ser possível desenvolver estratégias para que os alunos possam superá-los.

É importante considerar ainda que, segundo Bagno (2004, p. 8), do ponto de vista estritamente linguístico, o erro não existe, o que existe são formas diferentes de usar os recursos que a língua dispõe. Dessa forma, o ensino deve voltar a atenção a essas diferenças e à procura de formas efetivas de conscientização dos educandos sobre elas, considerando ainda que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15), capazes de funcionar como instrumento de elevação ou depreciação social.

Além disso, Bortoni-Ricardo (2005, p. 53) acrescenta que é preciso levar em conta a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas do “dialeto” do aluno na aprendizagem do português-padrão, uma vez que, quando conhecidas as características do seu dialeto, os equívocos que cometem passam a ser previsíveis e passíveis de sistematização.

Quando observamos grandes frequências de desvios ortográficos que são frutos dos hábitos da fala para a escrita, validamos a tese de que a escrita não deve ser instrumento de repressão do processo da variação linguística; pelo contrário, se a variação está presente no texto escrito, é porque os professores precisam compreender os fenômenos graduais como esse e se debruçarem na verificação de estratégias pedagógicas que são culturalmente sensíveis, para tratar do fenômeno em questão. (SENE, 2018, p. 110)

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) apontam que a análise de fenômenos de variação e mudança linguística deve considerar que os fatores universais influenciadores da variação e da mudança podem ser sociais ou linguísticos. Em relação ao apagamento do /R/, a língua portuguesa, como qualquer outra, é uma língua que sofre essas variações, além de ser possível a ocorrência da influência concomitantemente dos dois fatores. É necessário que esses desvios sirvam também como ferramentas de conscientização do aluno quanto às diferenças sociolinguísticas, a fim de fornecer-lhes a variante adequada aos estilos monitorados orais e à língua escrita.

Segundo Marcuschi (2010 [2000], p. 31), todas as variedades submetem-se a algum tipo de norma, mas uma ou outra delas, normalmente associada a um conjunto de falantes com características consideradas cultas (como alto nível de escolaridade, por exemplo), será tida como norma padrão. Cagliari (1992, p. 81) afirma ainda que, do ponto de vista estrutural linguístico, todas as variedades são completas em si, sendo os valores sociais de seus falantes o que as diferenciam. Bagno (2004, p. 9) explica que as regras que guiam as variedades linguísticas estigmatizadas são tidas como “erradas” porque são diferentes da regra única imposta pela tradição gramatical normativa, que se baseia exclusivamente nos usos linguísticos de uma elite de falantes letrados.

Para Corrêa (2004, p. 12), a escrita é um elemento que contém a fala já em sua gênese – em sua materialidade gráfica, a escrita alfabética tem caráter simbólico e apresenta as letras na tentativa de representar as características fonético-fonológicas de uma língua específica – e possui, ainda, a visibilidade invariante, o que lhe acrescenta a propriedade de permanecer no tempo. Ainda segundo Corrêa (2004, p. 2), os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais e estão ligados às práticas orais/letradas, o que faz questionar a delimitação do campo da escrita apenas pela constatação do material gráfico. A partir disso, o sujeito atua ativamente por meio da manipulação dos materiais significantes de

que dispõe: “conceituo o modo heterogêneo de constituição da escrita como o encontro entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito considerada a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido.” (CORRÊA, 2004, p. 10).

Essa constituição heterogênea da escrita reconhece o trabalho do sujeito, ao considerar a sua relação com a linguagem no interior das práticas sociais em que atua. A escrita, pois, não se trata de uma falsificação do real, mas pelo contrário: é por meio dela que as realizações reais entre os agentes sociais e a escrita se materializam, linguisticamente, considerando as práticas sociais de que, direta ou indiretamente, a escrita faz parte. “Deste modo, o ato particular de apropriação da escrita, ao estabelecer-se na ligação de um discurso com outro(s) discurso(s), mostra sua vinculação a uma prática social.” (CORRÊA, 2004, p. 229).

Dessa perspectiva, mais do que encararmos as interferências da fala na escrita como esperadas, entendemos também que elas são produtos das complexas relações entre os enunciados falados e escritos que são construídos a partir de práticas sociais orais e letradas.

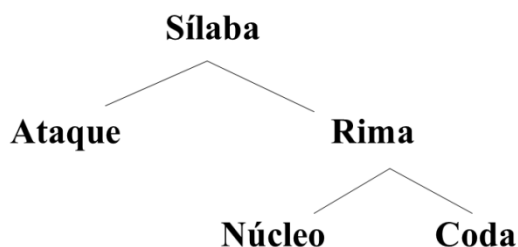
2.2 A sílaba

Como o fenômeno estudado tem como consequência uma reestruturação silábica, é interessante abordarmos a estrutura da sílaba. Para Câmara Jr (1994 [1970], p. 53) a sílaba é “uma divisão espontânea e profundamente sentida” e de acordo com as gramáticas tradicionais, a sílaba é “um fato intuitivo dos falantes” (FERREIRA NETTO, 2001, p. 142). Ferreira Netto (2001, p. 144) afirma que Bechara (1999, p. 85), Cunha e Cintra (1985, p. 53), Rocha Lima (1979, p. 19), Luft (1978, p. 50), entre outros, caracterizam a sílaba da língua portuguesa como um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório, cujo elemento essencial é a vogal.

Do ponto de vista dos estudos fonéticos, conforme Câmara Jr dispõe (1994 [1970], p. 53), resulta como denominador comum a estrutura silábica constituída por um movimento crescente, culminando num ápice (o centro da sílaba) e seguido de um movimento decrescente (margem da sílaba).

A sílaba, segundo a visão das fonologias não lineares – toda proposta teórica que assume a organização fonológica como feita em camadas hierarquicamente ordenadas – é uma unidade que agrega segmentos consonantais e vocálicos, possuindo sua estrutura básica composta por: onset, também chamado “ataque”, é o elemento que precede o núcleo de uma sílaba e geralmente formado por uma ou duas consoantes; e rima, constituinte silábico formado por uma posição nuclear e uma posição pós-vocálica de coda, esta última podendo ou não existir.

Figura 1: Exemplo de sílaba segundo as diretrizes da fonologia não linear.



Fonte: elaborado pelas autoras (2019)

Segundo Câmara Jr (1994 [1970], p. 38), na língua portuguesa, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal, podendo ser pós-vocálicas somente algumas consoantes: “[...] as únicas consoantes pós-vocálicas possíveis são as líquidas (mar, mal) e as fricativas não labiais (pasta, rasgo, folhas, etc.)” (CÂMARA Jr, 1994 [1970], p. 51). Portanto, o /R/ tem como função, dentre outras, ser parte decrescente da margem da sílaba.

Dessa forma, é importante ter em mente que

As principais regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica na sílaba. [...] A sílaba é uma emissão de voz marcada por um ápice de abrimento articulatório e tensão muscular que, na língua portuguesa, é sempre representado por uma vogal. Dizemos então que a vogal é um núcleo silábico. [...] É justamente a consoante que segue o núcleo silábico – posição chamada pós-vocálica ou de travamento na sílaba – que está sujeita a grande incidência de variação. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 79)

A partir dos textos coletados para esta pesquisa, iniciou-se a busca dos casos de apagamento do /R/ em final de verbos no infinitivo. As análises tiveram como base as teorias fonológicas de base gerativa, sobretudo os modelos não lineares, como o modelo autosegmental (CLEMENTS; HUME, 1995), que envolve a constituição da sílaba, tomando sua estrutura no formato de ramificações. De acordo com Hora e Vogelely (2017, p. 63), o modelo autosegmental nos possibilita um melhor entendimento dos processos fonológicos que envolvem consoantes e vogais, pois analisam as representações fonológicas do ponto de vista multidimensional, observando arranjos de traços distintivos de fonemas em várias camadas que, por sua vez, são ligadas uma à outra por linhas de associação.

Prado (2015, p. 120) explica que na visão das fonologias não lineares, as unidades fonológicas básicas, os fonemas, não são segmentos, mas sim um conjunto de traços que se combinam hierarquicamente de várias maneiras para compor os sons da linguagem humana. Para Clements e Hume (1995), essa teoria é um dos mais importantes resultados da ciência linguística no século XX e tem fornecido fortes indícios que confirmam a ideia de que as línguas não variam sem limite, mas refletem um padrão geral que se encontra enraizado nas capacidades físicas e cognitivas dos seres humanos.

2.3 O apagamento do /R/

Segundo Callou, Moraes e Leite (1998), o processo de apagamento do /R/, em seu início, foi considerado uma característica dos falares incultos e, no século XVI, nas peças de Gil Vicente, era usado para singularizar o linguajar dos escravos. Cagliari (1992, p. 81) afirma ainda que os modos diferentes de falar acontecem porque as línguas se transformam ao longo do tempo, assumindo peculiaridades características de grupos sociais diferentes, e os indivíduos aprendem a língua ou variedade da comunidade em que vivem.

Segundo Câmara Jr (1994 [1970], p. 48), podemos dizer que em posição não intervocálica há uma neutralização das oposições entre /r-forte/ e /r-fraco/. A neutralização, termo adotado por Trubetzkoy (CÂMARA JR, 1994 [1970], p. 43), acontece quando mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois. O resultado disso é o que fora popularizado com o nome de arquifonema, cuja representação convencional em transcrição fonêmica é feita pela letra do fonema não marcado em forma maiúscula (CÂMARA JR, 1994 [1970], p. 52).

Em casos de neutralização, segundo Callou e Leite (2005, p. 43), a realização acústica já não corresponde a um dos fonemas permutáveis, mas a um arquifonema que compreende ambos. O arquifonema expressa, portanto, as propriedades dos fonemas envolvidos na neutralização, no nosso caso, representado então pelo arquifonema /R/.

No repertório dos alunos, e também no do professor, o /R/ em fim de palavras, principalmente nos infinitivos verbais, desaparece (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 40). Como não pronuncia esse segmento, o aluno, algumas vezes, transfere essa característica da oralidade para a escrita, e confunde-se ao escrever formas verbais no infinitivo, como “correr”, sem o “r” final, colocando-a como “corre” que se confunde, na escrita, com o verbo “correr” conjugado pelo presente do indicativo na 3ª pessoa do singular – “ele corre”. Pode acontecer ainda de o aluno acentuar graficamente a última sílaba – “corrê” –, o que evidencia o seu conhecimento da sílaba tônica da palavra em questão.

Em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais (correr > corrê; almoçar > almoça; desenvolver > desenvolvê > sorrir > sorri). Quando suprimimos, alongamos a vogal final e damos mais intensidade a ela. [...] O falante da língua, quando suprime um /r/ em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse /r/. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 85)

O estudo feito por Cagliari (1992, p. 138-139), com base em redações de alunos em processo de alfabetização, mostra que o “erro”¹ mais comum dos educandos é caracterizado por uma transcrição fonética. O aluno não escreve o “r”, por não haver som correspondente na sua fala, por exemplo “lava” (de “lavar”).

Segundo Pedrosa (2014, p. 57), o estudo do apagamento da coda e sua relação com o processo de aquisição da escrita é muito relevante, já que, de início, os alunos ainda estão se familiarizando com as convenções ortográficas e ainda acreditam que a escrita é uma simples transcrição da fala. Para a autora, essa posição em coda final favorece o apagamento do /R/ em detrimento de sua aspiração (2014, p. 70).

Sene e Barbosa (2018, p. 22), ao discutirem os desvios ortográficos encontrados em textos de alunos do Ensino Fundamental II, mostram que o apagamento da coda silábica ocorre com frequência em palavras com padrão silábico CVC devido à grande variação fonética que o segmento, em posição de coda, costuma sofrer (2018, p. 21). Massini-Cagliari (2019, p. 42), em seu estudo mais recente sobre o apagamento das consoantes róticas finais, destaca que a tendência do português brasileiro é a de eliminar o “r” em final de palavra e simplificar a estrutura silábica, voltando-se, então, ao padrão CV, estrutura mais canônica do PB.

Hora (2009, p. 38), ao relacionar as pesquisas feitas sobre os róticos no Brasil até então, menciona os estudos feitos por Oliveira (1983), nos quais afirma que os relatos sobre o apagamento do rótico estão mais relacionados a sua posição de coda final em palavra, e constata, ao analisar os dados de Belo Horizonte, que, dos fatores linguísticos, o mais influente é o contexto fonológico seguinte, que pode ser vogal – favorecendo a ocorrência do tepe e, por sua vez, a manutenção do “r” –, consoante – favorecendo o apagamento – ou pausa.

Dessa forma, relacionar o apagamento do /R/ com o processo de desenvolvimento da escrita é importante, dado que o contato dos alunos com a oralidade perpassa toda a trajetória escolar, a considerar que se trata de um fenômeno influenciado por fatores tanto linguísticos como extralinguísticos.

¹ Ressaltamos que a noção de “erro”, para Cagliari (1992, p. 35), é diferente das abordagens tradicionais. Para o autor, a língua portuguesa tem o certo e o errado somente em relação à sua estrutura, já com relação ao seu uso pelas comunidades falantes, não existe o certo e errado linguisticamente, mas o diferente.

3 Metodologia

Esta investigação organiza-se em quatro etapas principais²: i) coleta e organização de textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II; ii) coleta e organização de casos de apagamento de /R/ no final de verbos para a composição do *corpus* desta pesquisa; iii) quantificação e análise dos dados coletados com base nas teorias propostas pelos modelos fonológicos de base gerativa, sobretudo modelos não lineares, buscando uma melhor reflexão acerca dos fenômenos coletados.

As redações foram produzidas nas escolas que autorizaram a coleta de dados, a partir de temas pré-selecionados e discutidos em sala de aula – a turma era instruída a dissertar a partir do mesmo tema, a produção de contos narrativos –, em folhas brancas pautadas e sem identificar por nome o aluno-autor de cada texto.

Antes da produção textual e coleta dos textos, houve uma reunião com os discentes e seus responsáveis para explicitar o motivo da pesquisa, seus riscos e benefícios. Todos os informantes e seus responsáveis legais preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, redigido de acordo com as recomendações da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS.

Para a aplicação da proposta de redação, foi escolhido o texto narrativo, que desperta o interesse dos alunos e incentiva a sua criatividade, além de possibilitar liberdade no seu momento de criação e de ter uma boa relação com a língua falada em virtude da presença do discurso direto.

No total, 82 redações foram autorizadas a integrarem o banco de dados, estas foram digitalizadas, tiveram seus conteúdos digitados, respeitando-se as especificidades de escrita encontradas, e identificadas apenas por um número (Informante 01, Informante 02 etc.), pelo ano do Ensino Fundamental, pela escola participante (que será referenciada como Escola A ou Escola B) e pela cidade.

Para as discussões apresentadas neste artigo, estão sendo consideradas as 82 redações produzidas por alunos de duas instituições de ensino de Porto Velho (RO), sendo 51 redações na Escola A e 31 redações na Escola B. Ao realizar a contagem dos fenômenos de apagamento do /R/ em final de verbos no infinitivo,

² Os resultados deste artigo fazem parte de uma pesquisa mais abrangente ainda em andamento que coleta redações de alunos para a construção de um banco de redações. Assim, nosso objetivo no contexto deste estudo é também contribuir com a criação de um *corpus* com textos alunos de escolas de Porto Velho (RO). Esta pesquisa está registrada na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (parecer 2.689.238). Esses textos constituirão um banco de dados que propiciará diferentes investigações linguísticas, tendo como enfoque principal as análises fonéticas e fonológicas.

constatamos que houve 102 ocorrências na Escola A e 10 ocorrências na Escola B), conforme detalhado nas tabelas abaixo:

Tabela 1 – Quantidade geral de verbos no infinitivo (Escola A):

Verbos	Sem apagamento	Com apagamento	Total
1ª conjugação (-ar)	145 (65,31%)	77 (34,68%)	222
2ª conjugação (-er)	82 (82%)	18 (18%)	100
3ª conjugação (-ir)	37 (84,09%)	7 (15,9%)	44
Total	264 (72,13%)	102 (27,86%)	366

Fonte: elaborado pelas autoras (2019)

Tabela 2 – Quantidade geral de verbos no infinitivo (Escola B):

Verbos	Sem apagamento	Com apagamento	Total
1ª conjugação (-ar)	98 (92,45%)	8 (7,54%)	106
2ª conjugação (-er)	44 (95,65%)	2 (4,34%)	46
3ª conjugação (-ir)	27 (100%)	0 (0%)	27
Total	169 (94,41%)	10 (5,58%)	179

Fonte: elaborado pelas autoras (2019)

4 Análise dos dados

A tabela a seguir apresenta um panorama em percentuais dos dados encontrados no *corpus* dessa pesquisa. Optamos por trabalhar com a totalidade dos números por interessarmos-nos mais, neste momento, por quantificar e analisar teoricamente os dados para formulação de hipóteses.

Tabela 3 – Quantidade geral de verbos no infinitivo (Escola A e B):

Verbos	Sem apagamento	Com apagamento	Total
1ª conjugação (-ar)	243 (74,08%)	85 (25,91%)	328
2ª conjugação (-er)	126 (86,3%)	20 (13,69%)	146
3ª conjugação (-ir)	64 (90,14%)	7 (9,85%)	71
Total	433 (79,44%)	112 (20,55%)	545

Fonte: elaborado pelas autoras (2019)

Verifica-se que houve maiores ocorrências em verbos terminados na primeira conjugação (-ar), seguidos, respectivamente, por verbos terminados na segunda (-er) e terceira conjugação (-ir).

Segundo os estudos de Mendes e Oushiro (2014, p. 257-258), o contexto fônico precedente quanto ao traço de altura revela correlação, uma vez que o apagamento do rótico final é favorecido quando precedido de vogais com traço [-alto] (a, ɔ, ε) e desfavorecido por vogais com traço [+alto] (i, e, o, u). Ou seja, a precedência da vogal baixa /a/ facilita a ocorrência do apagamento em razão do seu traço de altura, o que se constata, conforme detalhado na tabela 3, que os verbos que mais sofreram apagamento foram os da 1ª conjugação, seguidos dos da 2ª e 3ª conjugações, respectivamente.³

Tomando como exemplo, a primeira sílaba do verbo “levar” é composta pelo ataque /l/ e pela rima que possui apenas o núcleo /e/; a segunda sílaba, por sua vez, é composta pelo ataque /v/ e pela rima que possui o núcleo /a/ e a coda /r/ – sendo esta o foco da pesquisa. Nas redações coletadas, houve quatro ocorrências do apagamento do /R/ no final desse verbo em três redações distintas, como é exemplificado a seguir:

Exemplo 1:

“– Sua vovó tina está doente é pediu para você **leva** uns biscoito para ela!”
(Informante nº 13, Escola A)

Exemplo 2:

“Minha mãe acabou de tirar os biscoito do forno, vou prepara uma cesta pra você **leva**.” (Informante nº 13, Escola A)

Exemplo 3:

“E no sertto dia, a menina foi **leva** um docinho pra vovo dela” (Informante nº 17, Escola A)

Exemplo 4:

“um sertto dia sua mãe pedio para **leva** para sua vovosinha” (Informante nº 29, Escola A)

O processo fonológico de apagamento do arquifonema /R/ tem como processo o apagamento do rótico – classe de segmentos relacionados a um som de r – em posição de coda final na oralidade. Segundo Silva (2017, p. 76), na maioria das variedades brasileiras, quando a coda é ocupada pelo som de “r”, este pode ser apagado. Há ainda mais ocorrências em diversas outras redações coletadas:

³ Pretende-se, futuramente, investigar de maneira mais profunda os fatores condicionantes de cada caso de apagamento do /R/ no infinitivo, para que seja analisado o peso de importância do fator contextual na terminação verbal.

Exemplo 5:

“e um Dia estarão ino **colhe** materiais para **fase** tres casa para eles morar” (Informante n° 15, Escola A)

Os verbos “colher” e “fazer” nesse exemplo são da 2ª conjugação (terminados em -er) e sofreram apagamento do /R/ final. No entanto, há ainda outro verbo, este da 1ª conjugação (terminados em -ar), na frase que manteve o /R/ final: “morar”. Vários casos como esse foram percebidos nas redações: alguns verbos sofrem o apagamento, enquanto outros são escritos com grafia correta, apesar da posição próxima na frase. Essas são situações que, posteriormente, serão analisadas de forma mais aprofundada, sobretudo sob aspectos das teorias não lineares, a partir do uso de softwares que quantifiquem o contexto dos diferentes casos, para uma maior reflexão sobre os dados.

Exemplo 6:

“os pais das meninas proibiram elas de beber e **namora** já que a mais velha estava namorando com o principe.” (Informante n° 01, Escola B)

Nesse exemplo, ocorre o inverso. O verbo “namorar” – que sofreu apagamento – pertence à 1ª conjugação, já o verbo que manteve o “r”, “beber”, pertence à segunda. Além disso, nota-se a proximidade dos dois verbos. No entanto, uma hipótese inicial a ser considerada nesse caso, é de que o contexto morfossintático em que há a presença da vogal “e”, como um conectivo de adição, pode ter influenciado a manutenção do /R/, pois provoca, no nível sintático, um processo de ressilabificação. Assim, o “r” que estava na coda no final do verbo no nível da palavra, passa a integrar o onset de uma nova sílaba no nível da frase (algo como [beberinamo'rah]). O mesmo caso acontece, contudo, de forma inversa, como pode ser visto no exemplo a seguir:

Exemplo 7:

“os irmãos com vida dentro da barriga do lobo e para o lobo **acorda** e perceber que não tinha nada na barriga” (Informante n° 08, Escola A)

Nesse caso, o verbo “acordar”, de 1ª conjugação, sofreu a queda do /R/ em posição pré-vocálica, precedendo o conectivo “e”, vogal oral anterior média alta não arredondada. Já o verbo “perceber”, de 2ª conjugação, manteve seu “r” final. Apesar dos aspectos internos e externos à língua que a estimulam essa variação, não se pode descartar que seja simplesmente uma escolha dentro de um conjunto de

possibilidades que são usadas comumente, considerando que os alunos de 6º ano ainda estão em processo de desenvolvimento e amadurecimento da escrita.

Há casos parecidos com esse ainda em uma redação que apresenta, por ora, o apagamento do /R/ no verbo “avisar”, e, em outro momento, a sua manutenção:

Exemplo 7:

“Então, o rei foi logo **avisa** a sua esposa” (Informante nº 45, Escola A)

Exemplo 8:

“Então, eles foram logo **avisar** ela” (Informante nº 45, Escola A)

Pode-se pensar na mesma hipótese quanto ao conectivo “e” do exemplo de apagamento anterior. Na primeira frase, o verbo “avisar” sofre queda do /R/ e é seguido pela vogal “a”, possuindo a provável pronúncia [avizasuais'poza]: o [a] final do verbo pós-apagamento faz crase com o [a] artigo, o que pode ter confundido o aluno ao escrever essa frase. Na segunda, temos o verbo “avisar” escrito da maneira como rege a ortografia, mantendo o “r” final, no entanto, a vogal seguinte é [ɛ], vogal oral anterior média baixa não arredondada, o que se sugere que a pronúncia fique [aviza'rela], o que torna mais evidente o som de “r” na frase, ao transformá-lo em consoante pré-vocálica.

Esse fenômeno de ligação, seguindo o que Câmara Jr apresenta (1994 [1970], p. 60), acontece entre a sílaba final travada “zar” [zah] do vocábulo “avisar” e a vogal inicial “é” [ɛ] do vocábulo “ela”, que se seguem sem pausa. Nesse caso, a consoante pós-vocálica se liga à vogal imediatamente seguinte e a sílaba final, que era travada por uma consoante “r”, torna-se uma sílaba livre – “za” [zaø] –, ao mesmo tempo em que a sílaba seguinte “é” [ɛ] ganha uma consoante pré-vocálica – “ré” [rɛ].

Hora (2009, p. 40) afirma que, em posição final, quando o rótico é seguido por uma vogal, em geral, há um processo de ressilabificação, no qual o /R/ deixa de ser coda para ser ataque da sílaba resultante, favorecendo a ocorrência do tepe. Casos como esse evidenciam a relação entre o conhecimento fonético e fonológico que os alunos já têm e as suas escolhas, que não são aleatórias, mas motivadas principalmente por uma variedade que já dominam – a oral –, ao fazerem o uso da escrita.

É possível notar ainda que ocorrências de apagamento do /R/ em verbos de 3ª conjugação são mais incomuns, totalizando nos dados desta pesquisa apenas 9,85%, como visto na tabela 3. A seguir, elencamos algumas dessas ocorrências:

Exemplo 9:

“Ela vai tar la pra ti levanta conto você **cai** isso e ama para sempre”
(Informante n° 19, Escola A)

Exemplo 10:

“A madastra começou a **sorri** com suas duas (*irmãs*)” (Informante n° 21, Escola A)

Exemplo 11:

“quando derrepente o dragão se solta e vai **destrui** a cidade” (Informante n° 27, Escola A)

Exemplo 12:

“um fez sua casa de palha e foi **dormi**, outro fez sua casa de galhos e foi dormi” (Informante n° 40, Escola A)

Há ainda casos em que, na mesma frase, coincidem palavras terminadas em “r” pertencentes a classes gramaticais distintas. Nesse caso, a palavra “enxergar” constitui-se como verbo e a palavra “melhor”, como advérbio:

Exemplo 13:

“E o lobo respondeu.

– Para **encher** melhor” (Informante n° 05, Escola n° 01)

Provavelmente, os alunos não pronunciam o /R/ em posição de coda final, considerando a variante frequente da região de Porto Velho (RO), tratando-se predominantemente do alofone [h] – fricativa glotal desvozeada –. Como aponta Capilé (2004, p. 53), ao concluir em seu estudo que o /R/ falado por seus informantes de Porto Velho tem uma realização posterior:

...que os róticos de nossos informantes, excetuando-se, obviamente o tepe, são fricativos e apresentaram faixas de frequência próprias de fricativas posteriores, variando entre 2.517 Hz e 9.138 Hz, com início baixo (exceção feita, em algumas realizações, ao quarto informante), sendo surdo ou sonoro dependendo do contexto.

Ao redigir a frase que fora exemplificada acima, apenas o verbo “enxergar” sofreu o apagamento do /R/, apesar da frase conter duas palavras que compartilham da terminação com a mesma consoante. A partir disso, tem-se a hipótese de que a probabilidade de se apagar o /R/ final em verbos é maior de que em outras classes gramaticais.

Isso pode ocorrer visto que o “r”, como marcação do infinitivo, sofre apagamento de forma praticamente categórica na fala espontânea dos brasileiros, o que o denota como um traço gradual e generalizado, enquanto, nas demais classes de palavras, seu apagamento é menos frequente. Em sua pesquisa, Mendes e Oushiro (2014, p. 252) mostram que a maior taxa de apagamento encontra-se em morfemas do infinitivo (97%) e a menor taxa em substantivos (3%). O que se vê aqui

é que o apagamento do /R/ incide também sobre material com conteúdo morfológico e sintático.

Além disso, pode-se supor que a não existência da palavra “melho” (que seria melhor, sem o “r”) influencie, uma vez que “enxerga” (‘enxergar’ conjugado no presente do indicativo da 3ª pessoa do singular: “ele enxerga”) existe, o que pode ser fator que cause dúvida ao aluno.

5 Conclusão

A partir das 112 ocorrências de apagamento do /R/ em final de verbos dispostos em 82 redações analisadas, os fenômenos apresentados pelos resultados desta pesquisa denotam a relevância de se investigar os fatores condicionantes, tanto linguísticos como extralinguísticos. Como considerações gerais a partir dos resultados desta pesquisa, consideramos: i) os alunos informantes estão em fase de amadurecimento linguístico e são falantes de uma variedade “não-padrão” do português que apaga o /R/ em final de verbos e ii) o contexto morfossintático pode influenciar o (não) apagamento do rótico.

Objetivamos ainda, futuramente, investigar de maneira mais profunda casos como os exemplificados neste artigo, verificando se o contexto morfossintático da presença do conectivo aditivo “e” e de outras palavras iniciadas por vogais afetam a manutenção do “r” apenas em verbos de 2ª conjugação (terminados em -er), ou se afeta também os de 1ª (terminados em -ar) e 3ª (terminados em -ir).

Compreender o fenômeno de apagamento do /R/ em fim de verbos do infinitivo em produções textuais de alunos e seus fatores condicionantes auxilia na compreensão da relação mais ampla entre a oralidade e escrita e constitui um importante exercício de reflexão e análise linguística. Quando são conhecidas as características internas à língua que podem estar na origem deste equívoco de escrita, esse conhecimento contribui para a elaboração de estratégias pedagógicas que poderão ajudar a superar dificuldades de escrita específicas.

Por tudo isso, compreender o fenômeno de apagamento do /R/ em fim de verbos do infinitivo em produções textuais de alunos e seus fatores condicionantes auxilia na compreensão da relação mais ampla entre a oralidade e escrita e constitui um importante exercício de reflexão e análise linguística.

Referências

- BARRETO, D. A. R. J.; MASSINI-CAGLIARI, G. *O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o português brasileiro*. Revista do GEL, v. 16, n. 1, p. 37-52, 2019. São Paulo: Revista do GEL, 2019. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>. Acesso em: 09 maio 2020.
- BAGNO, M. Por uma sociolinguística militante. In: *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 1992.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Scipione, 1999.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. *Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real*. São Paulo: Delta, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501998000300006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 09 mar 2020.
- CÂMARA JR. J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CAPILÉ, Ângela Maria P. A influência da migração no processo de aculturação do léxico de Porto Velho a partir de 1980. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, 2004.
- CARDOSO-MARTINS. C. *Consciência fonológica e alfabetização*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In.: GOLDSMITH, J. (ed.). *The Handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CRISTÓFARO SILVA, T. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2017.
- CRISTÓFARO SILVA, T. *Fonética articulatória - consoantes do português*. Disponível em: http://fonologia.org/fonetica_consoantes.php. Acesso em: 17 jun 2019.
- FERREIRA NETTO, W. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Paulistana, 2001.
- FREITAS. M. J.; SANTOS. A. L. *Contar (histórias de) sílabas: descrição e implicações para o ensino do português como língua materna*. Lisboa: Colibri, 2009.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. 12. São Paulo: Atlas, 2009.

HORA, D.; VOGLEY, A. Fonologia autosegmental. In.: HORA, D.; MATZENAUER, C. L. (org). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.

HORA, D.; MATZENAUER, C. L. *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.

HORA, D. *Fonética e Fonologia*. Curso de Letras. Fascículo II. UFPB, 2009. Disponível em: http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf. Acesso em: 09 maio 2020.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização* / Luiz Antônio Marcuschi - 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, M. A. *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In.: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2006.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. O apagamento de (-r) em codas nos limites de variação. *Veredas on-line - atemática*. Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 251-266, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24963>. Acesso em: 9 maio 2020.

MOLLICA, M. C. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

OLIVEIRA, M. A. *Conhecimento lingüístico e apropriação do sistema de escrita: caderno do formador*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

PEDROSA, J. L. In: MARTINS, M. A. *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

PRADO, N. C. *O uso do inglês em contexto comercial no Brasil e em Portugal: questões linguísticas e culturais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SEARA, I. C. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

SENE, M. G. *Os desvios ortográficos em redações de alunos do Ensino Fundamental II: descrição, análise e atitudes linguísticas dos professores*. (Dissertação: mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara. Araraquara, 2018.

SENE, M. G; BARBOSA, J. B. *Quando a oralidade chega à escrita: discutindo os desvios ortográficos em textos do Ensino Fundamental II de Uberaba/MG*. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS. Feira de Santana, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/4340>. Acesso em: 09 maio 2020.

TENANI, L. E. Fonologia e escrita: possíveis relações e desafios teórico-metodológicos. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Nº. 59, vol.3. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2017.

TELES, Iara Maria. *Rondônia, um Estado Cosmopolita: Qual o Porquê da Elaboração de seu ALIRO*. XI Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia, 2006.

TORRES, P. F. de J.; OLIVEIRA, J. M. O apagamento do -r no final de vocábulo em produções escolares na cidade de Feira de Santana - BA. In: *XIX Congresso Nacional de Linguística e Filologia e Política Linguística*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. São Paulo: Parábola, 2006.

The erasure of /R/ at the end of verbal infinitives in elementary school student essays

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Thematic issue

Volume 5

Number 2

Received in: 14/05/2020

Approved in: 19/07/2020

Abstract:

The general goal of this article is to investigate the phenomenon of erasure of the /R/ at the end of verbs presented in texts by students from Middle School starting from theoretical models of the generative basis, and considering the linguistic variation present in natural languages. This research collected 82 essays from 6th grade students in schools of Porto Velho (RO). The data's quantification shows that there were 112 occurrences of erasure of the rhotic in the final position of verbs in the infinitive. With this study, it is expected to contribute to the reflection on writing and its relation with phonetics and phonology.

Keyword:

Rhotic consonant, Phonology, Writing acquisition.